



---

Jornal  
**Relevo****O**

PARANÁ | DEZEMBRO DE 2013 | EDIÇÃO V | ANO IV

# Editorial ■

Bom fim de ano, leitora.  
Bom fim de ano, leitor.  
Porque este ano foi intenso até a raiz dos ossos.  
Porque até faltou coração para tanto.  
Porque persistimos com nossos punhos, apesar do céu ser tão imenso e o chão tão precário – o nosso corpo acaba e começa no intervalo de nossos sonhos e cansaços.

Uma boa leitura e obrigado a todos que marcharam conosco nesta romaria de doidos e grão-lutadores. Este ano foi porreta.

Com carinho,  
o editor



**Capa de Dezembro**  
Alexandre Stresser  
Técnica: Carvão

**Iara Amaral** é designer editorial.

**Ricardo Pozzo** é escritor e fotógrafo radicado em Curitiba.

**Daniel Zanella** é cronista e jornalista. Tem uma fita cassete do DJ Danrlei.

**Mateus Ribeirete**: “Levei bronca por chegar atrasado ao meu funeral”

**André Caliman** é paulistano, autor da série “Revolta!”, publicada mensalmente no endereço [revoltahq.blogspot.com.br](http://revoltahq.blogspot.com.br). Trabalha com ilustração e quadrinhos e é professor da Gibiteca de Curitiba.

**Daniel Osiecki** é escritor e professor de literatura. Publica seus trabalhos no endereço [novatavolaredonda.blogspot.com](http://novatavolaredonda.blogspot.com).

**João Paulo Melo** é licenciado em desenho pela Belas Artes. Atualmente ministra aulas de desenho e trabalha como ilustrador.

**Otavio Linhares** é editor e produtor executivo da Revista Jandique. Tem formação em Filosofia, História, Artes Cênicas e Cafés Especiais.

**Daniel Gonçalves** é editor da revista LODO e co-editor da revista LAMA, escrevendo e ilustrando para esses periódicos. Publica seus trabalhos no endereço [danielgoncalves.art.br](http://danielgoncalves.art.br).

**Alexandre Stresser** é designer gráfico. Divulga seu trabalho no endereço [alestresser.com.br](http://alestresser.com.br).

**Laura Athayde** é artista plástica amazonense radcada em São Paulo. Publica seus trabalhos no endereço [ltdathayde.tumblr.com](http://ltdathayde.tumblr.com).

**Luiz Felipe Leprevost** é escritor, músico, compositor e autor de diversos livros.

**Mia Macedo** cursa 4º período de Jornalismo na UP.

**Hadna Abreu** é artista plástica manauara

**Pedro Lemos** é humorista e jornalista.

**Sid Summers** é escritor baiano.

**Susy Freitas** é natural de Manaus (AM). Formada em Letras e Jornalismo e Mestre em Ciências da

Comunicação, acumula caderninhos com poemas há quase três décadas. Publica seus trabalhos no endereço [susyfreitas.tumblr.com](http://susyfreitas.tumblr.com).

**Victor Hugo Turezo** cursa 4º período de Jornalismo na UP.

**Ágatha Santos** cursa 2º período de Jornalismo na UP.

**Victoria Baldini**: “Bom, eu estava no 3º ano de Direito lá na UEPG quando resolvi trancar e vir pra Curitiba. Gosto de Hemingway, trabalhar, viajar e esportes. Sou meio curta e grossa, então não sei falar muito de mim”.

**Maria Cecília Coutinho** é astróloga e estudante de Filosofia na FAE. Publica seus trabalhos no endereço [apologia-de-hecate.blogspot.com.br](http://apologia-de-hecate.blogspot.com.br).

**Laís Valério Gabriel** estuda Psicologia e tem calafrios quando precisa decidir entre dois sabores de torta. Publica seus textos no endereço [deansia.blogspot.com](http://deansia.blogspot.com).

**Mila Bastos** é jornalista.

**Alexandra Barcellos** é escritora.

**Rodrigo Araujo** é historiador e escritor. Vive em Colombo (PR).

**Osny Tavares** é jornalista e escritor.

**Thiago Dominoni** é pesquisador em Artes cênicas e coordenador geral da Editora IMPULSO VISUAL que mantém publicações anuais. Carlos Machado é compositor, músico, escritor e professor.

**Maximilian Rox** é poeta e jornalista de games.

Não sabe com qual dos dois se diverte mais.

**Eva Parisi** é artista plástica e tatua pessoas por amor.

**Luna Loo** é professora de escultura e artista plástica.

## PRESTAÇÃO DE CONTAS NOVEMBRO DE 2013

### ENTRADAS:

#### ANUNCIANTES:

R\$ 50 (Wonka)  
R\$ 50 (Defenestrando)  
R\$ 50 (FISK)  
R\$ 50 (Marcio Renato dos Santos)  
R\$ 100 (Toda Letra)  
R\$ 100 (Pão & Vinho)  
R\$ 50 (Água na Boca)  
R\$ 50 (Avon)  
R\$ 50 (Calceaki)  
R\$ 50 (Livrarias Joaquim)  
R\$ 50 (Revista Jandique)  
R\$ 150 (Escritório Dicesar Beches)

**R\$ 800**

#### ASSINANTES:

R\$ 50 (Paulino Júnior)  
R\$ 50 (Alexandre Lins)  
R\$ 50 (Victor Arendt)  
R\$ 50 (Carolina Tinoco)  
R\$ 50 (Dirceu Kicot)

**R\$ 250**  
**TOTAL : 1050**

#### Custos:

**Correio:** R\$ 150  
**Distribuição:** R\$ 50  
**Papelaria:** R\$ 90  
**Impressão:** R\$ 800  
**Custo Total:** R\$ 1090

**Balanço:** R\$ 40

## Expediente

**Fundado em Setembro de 2010**

**Editor:** Daniel Zanella

**Editor-Assistente:** Ricardo Pozzo

**Revisão:** Mateus Ribeirete

**Projeto gráfico:** Iara Amaral

**Impressão:** Gráfica Exceuni

**Tiragem:** 3000

**Edição finalizada em:** 30 de Novembro

## Contato

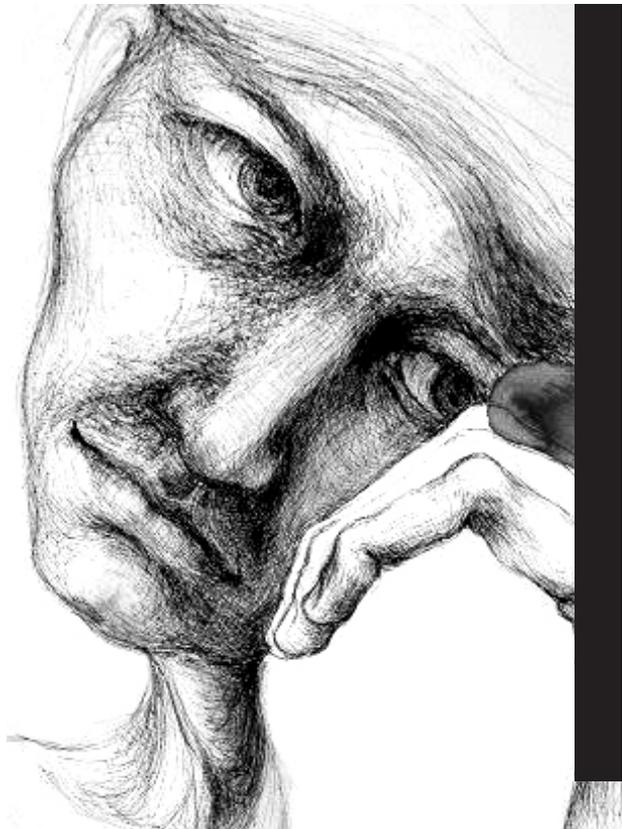
[twitter.com/jornalrelevo](https://twitter.com/jornalrelevo)

**Facebook:** [Jornal Relevo](https://www.facebook.com/jornalrelevo)

[jornalrelevo@gmail.com](mailto:jornalrelevo@gmail.com)

Edições anteriores:

[issuu.com/jornalrelevo](http://issuu.com/jornalrelevo)



Luna Loo  
Técnica: Nanquim e aquarela

Daniel Zanella

# Luana

Luana! Luana! Luana!

Estou esperando Luana no Quarto 3, no primeiro andar. Enquanto ela sobe, é ovacionada por um grupo de uns seis homens levemente alterados. É que não faz muito e ela fez um striptease que, parece-me, foi muito bem criticado.

Luana entra com seu cabelo vermelho curto e um certo sotaque paulistano. Tem 21 anos, uma filha de ano e seis meses, bem magrinha, uma tatuagem de borboleta nas costas, masca um Trident.

Ela se despe completamente como se tivesse tomando água e pergunta-me se pode ficar de meia. Digo que sim e observo seu corpo, seus seios pequenos e cintura precisa. Quer saber o que quero.

\*

Luana gosta de conversar durante o sexo. De maneira peculiar, ela consegue estabelecer um diálogo substancial, gemer sem exagero, alternar movimentos de severa amplitude e ainda perguntar sobre minha vida afetiva.

Primeiro, ela quer saber se tenho esposa. Tenho cara de quem tem esposa, me diz. Não, você está errada, linda. Questiona minha idade. 28. É jornalista? Jornalista ganha bem? Não respondo. Onde aprendeu a fazer isso? Digo que minha tia era massagista. Luana diz que não posso tocar aqui porque ficou com trauma de um cliente pouco delicado. Ela me beija quando para de falar e beijo-a sem propósito de amanhã.

\*

Está na hora de nos vestirmos. Ela alega ter gostado de mim, quer saber se irei voltar. Volto, sim, mas não sei quando. Pergunto o nome do filho. Se chama Gabriel. Não conhece o pai porque o menino acabou acontecendo em um programa, excesso de bebida, a camisinha estourou. O pai é médico famoso em São Paulo. Ela veio, então, para Curitiba.

Se ele descobrir meu filho, com certeza, vai tomar de mim.

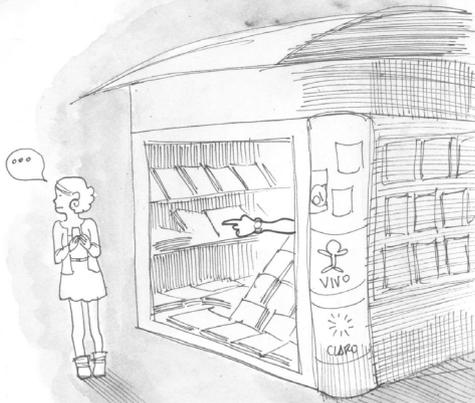
Laura Athayde

O CHEIRO FAMILIAR DE MOFO E MEMÓRIAS...

passar pela menina de cabeça baixa no metrô e olhar pra trás não me torna uma pessoa boa.



em compensação, pego a direção indicada pelo jornaleiro, mesmo sabendo que tá errada, só pra não desapontá-lo.



A EVENTUAL TRAÇA É UMA OU OUTRA DEDICATÓRIA BONITA...

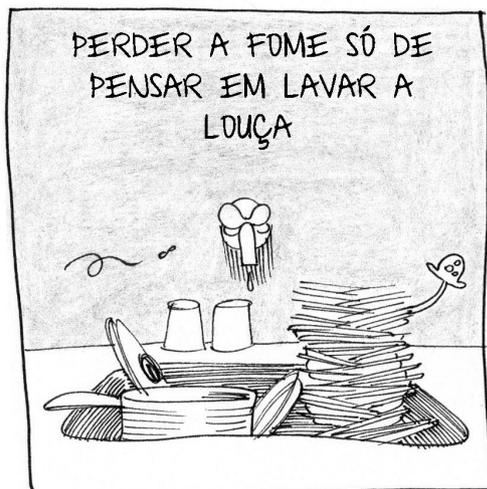


NÃO POSSO FAZER ISSO

MORAR SOZINHA É...



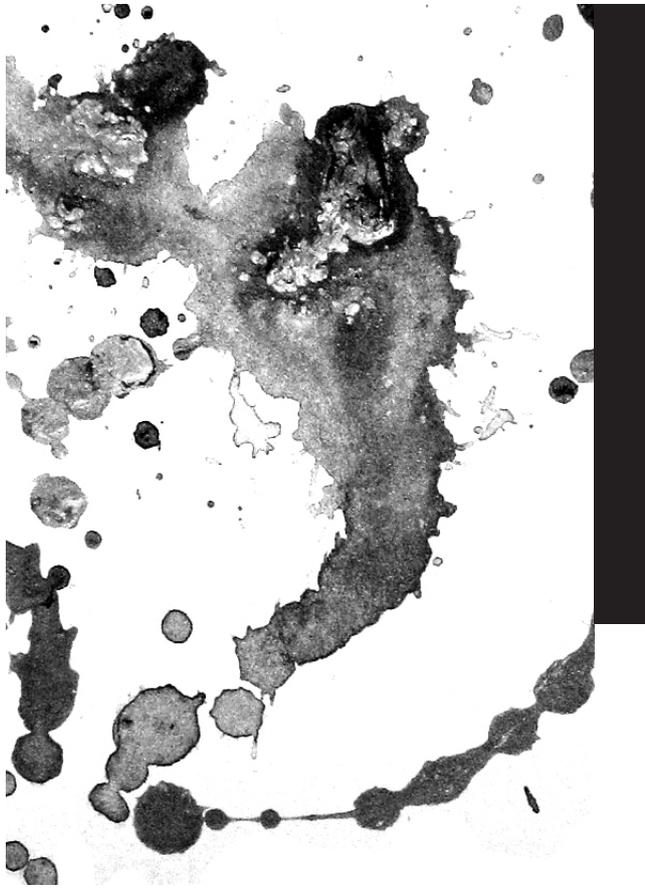
NÃO TER NINGUÉM PRA IR BUSCAR A TOALHA



PERDER A FOME SÓ DE PENSAR EM LAVAR A LOUÇA



SENTIR QUE O FIM DO MUNDO CHEGOU QUANDO VÊ QUE TÁ CHOVENDO E ESQUECEU A ROUPA NO VARAL



Ágatha Santos

odeio tudo o que escrevo  
odeio tudo o que sou.  
sou o que escrevo.  
escrevo o que sou  
- nauseabundo

amargura transcendental.  
não encontro porto  
em lugar algum.  
sedas de cânhamo  
luvas de pelica.

mandaram-me tarde  
visitar cá pr'outro lado  
do mundo  
ah!  
- essa esbórnica  
dou fé  
a essa merda toda.  
cuspa-me  
benza-me  
mas depois vá embora.

nada quero.  
vou tarde.  
antes que embriague-me  
de lucidez.  
- um trago!

**EXATO**  
CENTRO EDUCACIONAL

**Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico**  
**Preparatório - Graduação Pós-Graduação**  
**Aprendizagem Empresarial e Industrial**

Fone: (41) **3552-1542 / 3552-5895**

Luna Loo  
Técnica: Nanquim



Alexandra Barcellos

Susy Freitas

## Fantasma

fantasmas fantasmas  
não há fantasmas  
na minha casa

e as paredes  
não contam histórias  
enquanto o sono  
me encurrala sem resistência –  
tranquila

o espaço é frágil  
refrigerado  
engloba fácil  
o meu despreparo

tenho uma chance  
aqui – tela em branco  
um palco para chamar de meu  
e um homem por todos os lados

meu móvel  
meu prato  
meu-tão-casa-quanto-a-casa-dentro-da-casa  
casada.

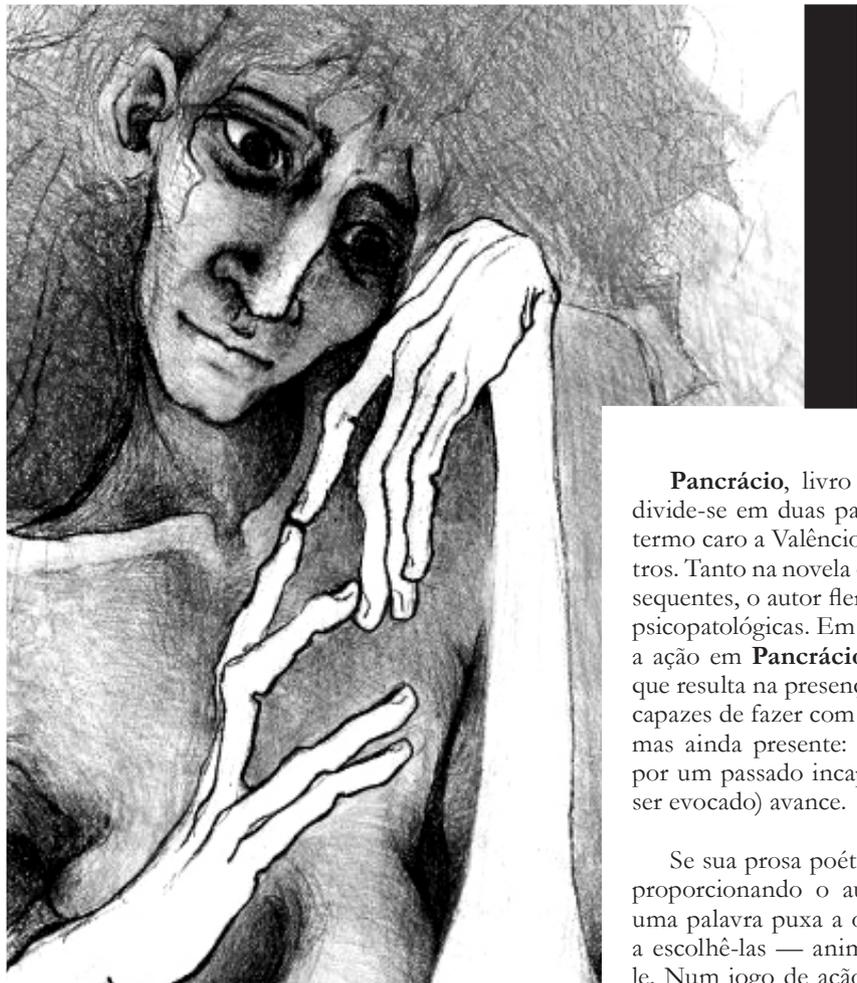
## Paradoxos Ocidentais

Paradoxos ocidentais  
Colidem na contramão  
Cacos de vidros espalhados  
São os restos da embriaguez  
Palavras ouvidas e ditas  
Vagam errantes  
No colapso das lembranças  
Manhãs vazias de horas  
Postergadas por trêmulos movimentos  
Enquanto um sonho de quase dez anos  
Aguarda ansiosamente  
Que ele se levante e lhe diga 'Bom Dia'  
Depois das três.

X | O | X  
X | O | O  
O | X | ENCRENCA  
LITERATURA DE INVENÇÃO

ENCRENCALITERATURA@GMAIL.COM  
FACEBOOK.COM/ENCRENCALITERATURA  
WWW.ENCRENCALITERATURA.WORDPRESS.COM

Luiz Felipe Leprevost



Luna Loo  
Técnica: Nanquim

# Pancrácio de >> Otávio Linhares

**Pancrácio**, livro de estreia de **Otávio Linhares**, divide-se em duas partes: a novela rebu (para usar um termo caro a Valêncio Xavier) Pancrácio, seguida de outros. Tanto na novela quanto nos onze textos curtos subsequentes, o autor flerta com apropriações de estruturas psicopatológicas. Em um nível que ultrapassa o urgente, a ação em **Pancrácio** se dá em tempo comprimido, o que resulta na presença do mínimo necessário de signos capazes de fazer com que o enredo (bastante colapsado, mas ainda presente: um homem comum atormentado por um passado incapaz de ser seu, pois impossível de ser evocado) avance.

Se sua prosa poética ignora a utilização de vírgulas, proporcionando o aumento da velocidade de leitura, uma palavra puxa a outra quase sem que fosse o autor a escolhê-las — animal em ato de caça, índole animal. Num jogo de ação e reação, as frases, pensamentos caóticos do sujeito-narrador, vão se construindo inacabadas. No entanto, o trabalho formal de descontinuidade acaba por produzir, na narrativa, transformações em níveis semânticos e sintáticos, que vão dar justamente na não permissão de evocação memorialista. Daí que o livro, num jogo de ação-reação em que a memória é refém do instinto infantil animalizado desta persona, só permite ler o que se dá no presente. Presente ainda assim rasgado, esburacado, sem o aparato de controle lógico.

Como se construído de areia, o sujeito-narrador de **Pancrácio** tem apenas o esfacelamento perpétuo de suas relações com o mundo. Ao longo da narrativa o dia se deteriora, como se deteriora o corpo, as relações, a vida como um todo.

As ilustrações do livro são de autoria de **Daniel Gonçalves**, e a arte da capa, de **Frede Tizzot**.

## SERVIÇO

Lançamento **PANCRÁCIO**  
Livraria Arte & Letra  
Alameda Pres. Taunay, 130  
7 de dezembro, sábado, 16h



X	O	X
X	O	O
O	X	ENCRENCA

LITERATURA DE INVENÇÃO



Joaquim Livraria

livronauta@joaquimlivraria.com.br  
Rua Alfredo Bufren, 51 conj 2 - Centro / Curitiba-PR

LIVROS - LP S

(41)3078-5990

www.joaquimlivraria.livronauta.com.br

Otávio Linhares

21

a velha não para de falar. e com o ônibus vazio dá pra ouvir tudo. a menina ouve como quem já morreu. gostosinha a menina. a velha aconselha. conheço bem essas criaturas. têm sempre um palpite pra dar. velha chata pra caralho. a menina concorda comigo. paramos na praça. um velhinho bem velhinho sobe pela porta de trás. o cobrador o auxilia. obrigado meu filho. que é isso meu senhor faz parte. o velho se ajeita em dois passos curtos e senta no banco ao lado da porta da frente. a bengala ao lado escorando. a velha ladra com a jovem. o motorista desce pra fumar. começa a esquentar. duas tias sobem. têm sacolas lotadas de panfletos nos braços. dão bom dia para todos os restantes pendulando a cabeça pra cima e pra baixo. estão vindo até mim. por que deus? é uma espécie de maldição? esses tipos sempre vêm direto em mim. a velha pega o panfleto das tias. a velha não trepa há trinta anos. leia isso vai te fazer bem. esfrega na menina. a tia mais velha prostra-se diante de mim. o corpo todo torto feito ferro retorcido. desanda a falar sobre a verdade. a velha e as tias falam demais. a menina boquinha manhosa quieta. que gatinha. eu quieto. a tia mais velha tem os olhos vazios feito um saco de pão velho. vidrados. as três têm isso. isso que eu falei dos olhos. a velha mexe a boca pra cima e pra baixo e fala sobre a verdade. parece um desenho animado.

a menina só olha. a velha invade a mente dela. saia daqui seu tarado. suas palavras soam impávidas. no meio do corredor a tia mais nova. branca como a neve que nunca vi. o velho sentado imóvel espera a sua hora. os neurônios escorrem pela orelha. tem a cabeça recostada no vidro os olhos no espaço. o velho é um criança contando nuvens. o motorista acena com a mão direita. a tia mais velha entrega-me um dos panfletinhos. gostaria de conhecer a verdade? olho pro panfleto. seis perguntas que vão me conduzir à verdade. passo a mão pelo panfleto. olho de um lado. olho do outro. o papel é velho e amarelado. motorista me salve. pisco levanto os olhos. ela aguarda com um sorriso de pedra. tem na cabeça a ideia de que eu vou aceitar o papel. a menina também. a velha fala. a tia mais velha espera. o motorista está retornando. não vai me salvar. o velhinho morreu. o papel. a mão suada. papel velho. aceitei. merda! não de bom grado. devia ter recusado. deve ser pena. jamais pensei que sentiria pena de novo. que merda. pena de mim. pena dela. da menina também. e do velho? pena de não ver mais em nossos olhos um animal. apenas cacos de vidro. pena de ver nada e ninguém. sou a fábula do cão que após ganhar um prato de comida devolve um olhar de gratidão sem um quê de lobo. mais. sem um quê de cão.



Lara Amaral  
Técnica: Nanquim

**VOX URBE**

W Toda terça Abertura do Bar 21h  
Entrada: R\$ 6,00  
Worka Bar Rua Trajano Reis, 326, São Francisco 3026 6272

Victoria Baldini



Luna Loo  
Técnica: Nanquim

## O fardo do soldado ]

Já lutei tantas batalhas na fronteira que perdi a conta.

Não sinto nem um pouco de saudade do chamado da luta que começava lá no fundinho da cabeça quando acordava, baixo, mas certo. A sensação de que não há escapatória: ou vai à guerra ou a guerra vem até você. As tentativas desesperadas de adiar o recrutamento através do sono, dormindo, dormindo, dormindo, sabendo que acordaria em plena trincheira. O tédio beirando o nojo de quem se propõe a ajudar, como idiotas dos Direitos Humanos com palavras bonitas sobre soldados na guerra quando o mais próximo que chegaram de uma é pelo Call of Duty (antes de estabelecerem que jogos violentos incitam a truculência).

“Eu não quero ajuda”.

Eu destruí quem me amava e era destruída por quem amava. E nunca eram as mesmas pessoas. Separava as pessoas em dispensáveis e necessárias – e estas eram literalmente necessárias, como se não fosse conseguir sobreviver sem elas, meu ar, meu fogo. E para ser indispensável, teria de ser narcisista, problemático e me fazer mal.

Alternava momentos de vazio em câmera lenta ajoelhada no chão do banheiro com o chuveiro ligado ou encolhida na cama no escuro com a glória de me sentir a protagonista suprema do maior espetáculo da Terra, a melhor, a mais inteligente, a mais rápida, a mais forte, a mais bonita, a mais honesta, a mais abençoada. A quem todos perdoariam porque todos amavam.

Por um bom tempo, todos me perdoavam, pois realmente era muito amada. Mas aos poucos eu os apaguei com minha carabina, um a um, e logo só os razoavelmente leais continuaram correndo ao meu lado. Os mais fiéis, sendo mais próximos, foram muito feridos e precisaram tomar a decisão dolorosa de partir ou morrer. Quem não se importava nem um pouco – os tais indispensáveis – conseguia escapar ileso.

Não se vence uma guerra sem baixas.  
“As coisas só parecem estúpidas pra mim”.

As coisas não mudaram, o mundo continua o mesmo, mas antes eu o via com olhos entediados cheios de vontade de mudar. Hoje eu faço parte do sistema. Hoje eu sou uma das coisas estúpidas, uma na multidão, só mais uma jovem-adulta-com-futuro-promissor que dorme cedo e acorda cedo, vai pra academia pra perder a barriga que ganhou com o sedentarismo e a rotina medíocre, assiste o jornal e a novela antes de deitar e tem preguiça de fazer algo que não esteja nos planos e ri amarga de quem resgatou os beagles ou do rei do camarote junto com o resto do país. Uma adultinha.

Os remédios deram certo, a terapia me fez bem, sou um milagre da psicologia. De limítrofe psicótica a um roquinho em apenas dois meses. Compre drogas controladas de tarja preta, eu recomendo!

“Pra mim seria ótimo me isolar e viver num paraíso”

Uma vez soldado, para sempre soldado.

Não se tem borderline ou está borderline ou era borderline. Eu sou borderline. E o fardo do soldado é a nostalgia de dias difíceis, infernais, que ele preferiria não ter vivido, logicamente – mas, já que viveu, não pode apagar as lembranças que surgem e gritam e chamam.

Só se pode esperar voltar à guerra, e a esperança de retornar vem a cada estalo, a cada grito, a cada sinal que seja o gatilho de uma recordação dos tempos da guerra – a guerra que eu venci, que eu amaldiçoô, mas de que sinto tanta falta.

A guerra faz uma pessoa sentir-se útil. E deixa veteranos traumatizados e sequelados para lidarem sozinhos com o vazio e a falta do que fazer na paz. Gente que ninguém quer perto, gente julgada pelos padrões de quem não lutou, gente considerada atrasada e preguiçosa, gente estranha.

Talvez eu volte para a marcha. Talvez esse seja um período de trégua temporária. Talvez amanhã mesmo eu volte a fazer pontaria e correr e berrar e rezar para acabar logo, quem sabe? Eu tenho o coração de soldado.

E dessa vez eu tenho uma companhia de campanha.

Mila Bastos



Hadna Abreu

## Feli-Pão de Ouro ]]

Neste 14 de dezembro, completo 22 anos. No dia seguinte, Felipe Steigleder completa um ano longe de nós. Lembra-se dele, leitor? Aquele gaúcho alegre, de 23 anos, que foi pego de surpresa com a descoberta de um câncer de pele extremamente agressivo e que escrevi sobre ele no começo deste ano.

Pois é... Já se passaram doze meses da sua morte e parece que foi ontem. Para mim, faz pouco tempo que escrevi sobre o filme *Pronta para amar*, onde contei o quanto chorei assistindo a essa trama e o quanto ela me fez recordar a morte do Felipe.

Na verdade, pensando bem, para os familiares e amigos dele, esse período deve significar uma eternidade. Um tempo muito longo sem ver o sorriso envolvente do gremista fanático. E como fazer para se acostumar com a perda de um cara como esse? Como conseguir seguir adiante com a falta de uma pessoa que cativava tanto os outros?

Sempre que a vida de um moço tão jovem é interrompida pela morte, as pessoas que sofrem esta perda se questionam durante anos e anos o porquê de uma fatalidade como essa e como será a partir disso. Vem sempre uma saudade imensurável que não há quem consiga descrever de forma alguma.

Não é possível saber, por exemplo, qual é o sentimento dos pais, de quem conviveu diariamente com ele – as palavras ficam sempre no meio do caminho.

Nós somos capazes de imaginar, mas só eles sabem bem lá nas profundezas qual é essa sensação, uma mistura de lembranças, momentos felizes, tristeza e dor.

Escrever sobre a morte é difícil, mesmo quando se trata do Felipe. Falar dele é falar sobre a vida. Lembrar-se dele sempre deve ser sinônimo de alegria. Por isso, até na hora de redigir estas linhas a tarefa acaba sendo um pouco mais confortável. É agradável tentar imaginar como ele está agora e sei que muitos também se perguntam isso. Mas devemos ficar despreocupados, pois, com toda a certeza, ele não tirou aquele baita sorriso do rosto.

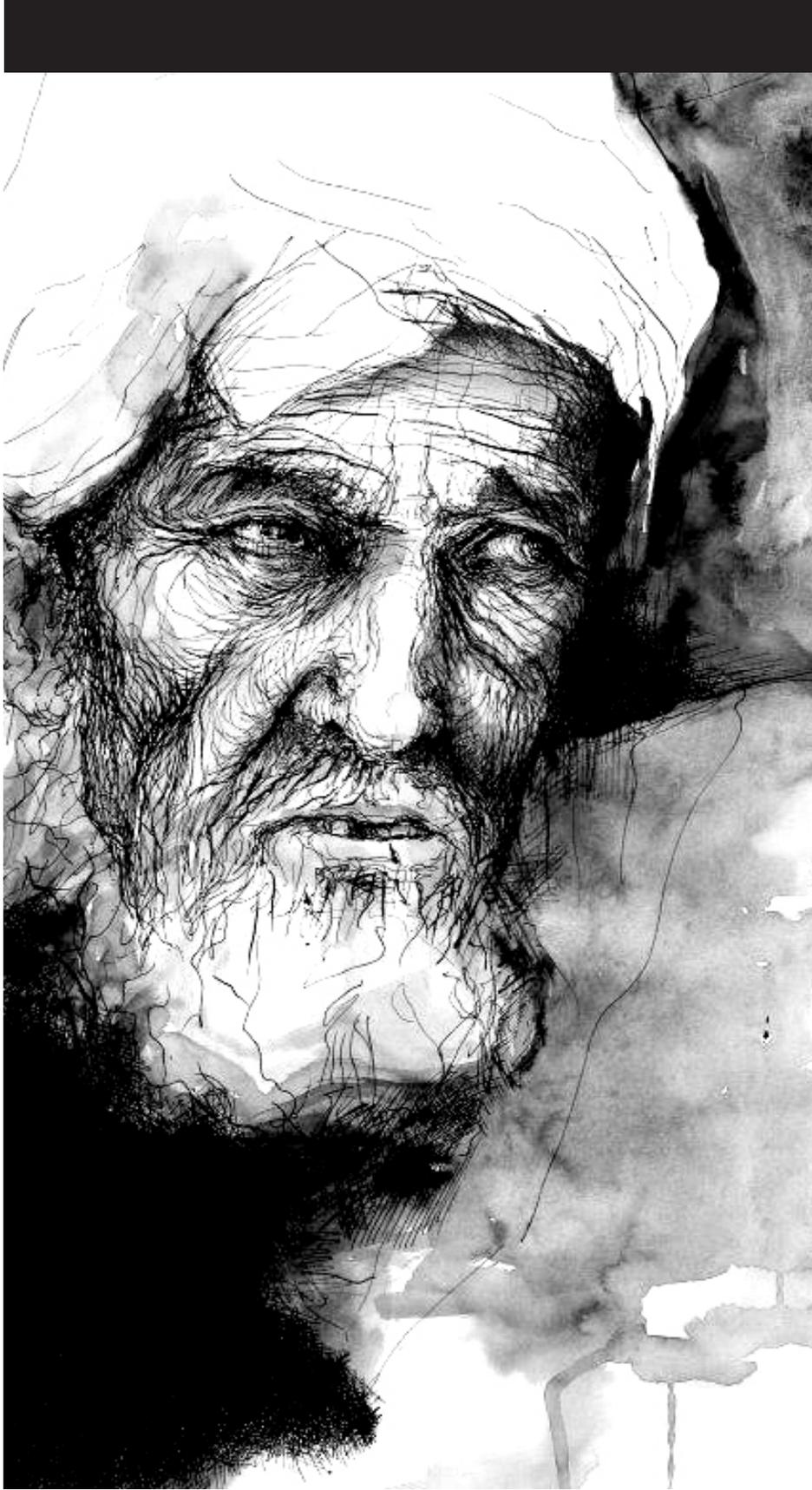
De fato, não importa onde ele esteja, ele está de alguma forma dando um jeito de gritar “muiééé” para a Manuela. Claro que ele também deve estar mostrando o seu jeito de ser e dizendo que não está nem aí para a opinião alheia. E quem tem dúvidas de que tudo isso está acontecendo ao embalo do Metallica? Nós sabemos que ele está vestindo a camiseta do Grêmio, mas é a do Cadê o Chinelo? que ele segura na mão e vai vibrar no próximo dia 15 de dezembro.

E, corrigindo o que eu disse no começo, longe de nós ele não está e nunca estará, porque o Xaropinho sempre se faz presente nos momentos de alegria e saudades, seja assistindo a um Grenal ou quando vemos um Polo turbinado passando na rua, fazendo um churrasco e tomando uma ceva ou buscando um pão quentinho na padaria, colocando música alta na caixa de som, cumprindo tarefa de gincana ou, então, fazendo o que Feli-Pão de Ouro sabia de melhor: sorrir e ser nosso amigo.

**CALCEAKI**  
CALÇADOS & ESPORTES

Avenida Victor Ferreira do Amaral, 342 - Centro -  
Araucária. Fone: (41)3642-1622

Thiago Dominoni



Luna Loo  
Técnica: Nanquim e aquarela

Sou um poema,  
tu és meu primeiro sintoma.

Sou um poema, uma carta escrita, uma vida esquecida  
um ponto quebradiço, uma raio escondido, um relâmpago manso pontiagudo,  
envelhecido.

Sou um teorema simples  
uma equação lacrimogênia espatifada em teu peito

Sou um axioma, uma lei jamais lida  
Patenteio minha falta de vontade de ser livre

(Me parece que preso tenho um quê de liberdade doce)

Sou uma vírgula errada, uma catástrofe irremediável  
uma estrofe e mais nada

Sou um murro pesado em teu rosto  
um poema, então posso desbravar tua impossibilidade febril

(você que é dono de todas as impossibilidades)

Este meu pedaço, poema  
este meu peito, dilema doce  
este meu anseio, teus olhos  
As lágrimas de sal abriram-se em mar e teu nome, bendito, afogou-me.

```

long h[4];t(){h[3]-=h[3]/3000;setitimer(0,h,0);}c,d,l,v[]={(int)t,0,2},w,s,I,K
=0,i=276,j,k,q[276],Q[276],*n=q,*m,x=17,f[]={7,-13,-12,1,8,-11,-12,-1,9,-1,1,
12,3,-13,-12,-1,12,-1,11,1,15,-1,13,1,18,-1,1,2,0,-12,-1,11,1,-12,1,13,10,-12,
1,12,11,-12,-1,1,2,-12,-1,12,13,-12,12,13,14,-11,-1,1,4,-13,-12,12,16,-11,-12,
12,17,-13,1,-1,5,-12,12,11,6,-12,12,24};u(){for(i=11;++i<264;)if((k=q[i])-Q[i]
){Q[i]=k;if(i-+I||i%12<1)printf("\033[%d;%dH", (I=i)/12, i%12*2+28);printf(
"\033[%dm "+(K-k?0:5),k);K=k;}Q[263]=c=getchar();}G(b){for(i=4;i--;)if(q[i?b+
n[i]:b])return 0;return 1;}g(b){for(i=4;i--;q[i?x+n[i]:x]=b);}main(C,V,a)char*
*V,*a;{h[3]=1000000/(l=C>1?atoi(V[1]):2);for(a=C>2?V[2]:"jkl pq";i;i--)*n++=i<
25||i%12<2?7:0; srand(getpid());system("stty cbreak -echo stop u");sigvec(14,v,
0);t();puts("\033[H\033[J");for(n=f+rand()%7*4;g(7),u(),g(0)){if(c<0){if(G(x+
12))x+=12;else{g(7);++w;for(j=0;j<252;j=12*(i/12+1))for(q[++i]=i%12==10){
for(;j%12;q[j--]=0);u();for(--j;q[j+12]=
=a[5]);}if(c==*a)G(--x)||++x;if(c==a[1])
(++x)||--x;if(c==a[3])for(;G(x+12);++w)x+
8192);printf("\033[H\033[J\033[0m%d\n",w
0);while(getchar()-a[4]);puts("\033[H\033
"stty -cbreak echo stop \023;sort -mnr -o
"%4d from level %1d by %s\n",w,l,getlogin

```

Osny Tavares

## A Quatro punhos

– A história real de Macaris e Rosilete,  
um casal de boxeadores com um sonho em comum

Editora Compactos, 2013

### Prólogo #

Existe entre os novos jornalistas esportivos a convicção de que é necessário sempre transmitir alguma simbologia sobre o acontecimento noticiado. Em tempos de informação instantânea e replays infinitos, bastando ao público esfregar o dedo em uma tela, o repórter passa a se compreender como um observador atento destacado para um posto avançado. Cabe a ele fazer uma leitura mais sofisticada, transferindo o que ocorre à sua frente para outro modelo de narrativa, que pode variar da epopeia à telenovela. O atleta deixa a sua condição primária para se tornar músico, bailarino, arquiteto, chef de cozinha, astronauta, feiticeiro ou equilibrista. O esporte passa a ser uma metáfora que preexiste ao seu significado.

Não é raro encontrar um jornalista de microfone em punho olhando em direção a zonas mortas da praça esportiva. O último nível da arquibancada, ou mesmo a coluna que o sustenta, se tornam um objeto de interesse comparável a uma bela jogada. O inusitado é o único terreno em que ainda é possível encontrar algum fenômeno singular. Os profissionais sabem que o contexto imediato de uma competição já se repetiu diversas vezes. Dificilmente terá o ineditismo necessário para continuar a despertar surpresa logo mais à noite, ou no dia seguinte, quando a reportagem será finalmente veiculada. Vitória, empate ou derrota são variações sobre o mesmo tema, inerentes a um fenômeno com horário marcado e limitadas possibilidades de resolução.

Enquanto se dirigia com o resto da equipe de reportagem para o Ginásio Ney Braga, na cidade de São José dos Pinhais, região metropolitana de Curitiba, Claudia Celli refletia sobre dilemas profissionais mais imediatos. A jornalista de 26 anos – uma morena de cabelos lisos abaixo do ombro e grandes olhos castanho escuros – jamais havia assistido a uma luta de boxe ao vivo e tinha dúvidas se iria gostar daquela jornada de trabalho. Era uma noite de sábado, 10 de dezembro de 2011. Dali a duas horas, ela entraria no ar para a transmissão ao vivo do combate entre a brasileira Rosilete dos Santos e a colombiana Paulina Cardona. A paranaense de 36 anos defenderia pela primeira vez o título mundial da categoria super-mosca pela Associação Internacional de Boxe Feminino (WIBA, na sigla em inglês). Também poria em disputa o cinturão da Comissão Mundial de Boxe, conquistado na categoria galo, mas que naquela luta valeria pelos super-moscas, o que unificaria o título das duas entidades.

Para alguém como Claudia, que tinha certa reserva ao pugilismo por achá-lo demasiado violento, o pé do ringue talvez não fosse um lugar agradável para se estar. Embora tenha tido experiências anteriores nos esportes, a tarefa se apresentava como uma novidade. A jovem trabalhava na televisão há menos de dois anos, atuando como repórter em um canal de tevê a cabo igualmente recente, cheio de profissionais jovens absorvendo as

Eva Parisi  
Técnica: Acrílico



**FISK**  
CENTRO DE ENSINO  
DOMINE O CONHECIMENTO

FISK ARAUCÁRIA  
R. JOÃO PESSOA, 33  
TELS: 3642-3690  
3031-7040

CONTATO@FISKARAUCARIA.COM.BR  
WWW.FISKARAUCARIA.COM.BR

O JEITO  
DIVERTIDO  
DE DOMINAR  
O CONHECIMENTO.



Panificadora e Confeitaria  
Pão e Vinho

Trabalhamos com livros sob encomenda  
(41)3642-3552

Av. Dr. Victor Ferreira do Amaral, 1136 - Centro - Araucária - PR

primeiras experiências no novo emprego. As novidades eram praticamente uma rotina. A principal referência de Cláudia para esse tipo de cobertura era a transmissão de partidas de futebol. Portanto, ela havia planejado emular o papel dos repórteres à beira do gramado. Mas assim que entrou no ginásio, começou a captar as diferenças entre os dois eventos esportivos – que, para os jornalistas, costumam ser ainda mais evidentes.

O repórter de campo no futebol é, sobretudo, um sujeito com acesso privilegiado. Permanece a poucos metros da linha que delimita o campo, onde apenas as pessoas responsáveis por produzir o espetáculo teriam permissão para estar. Isolado da torcida e podendo falar ao pé do ouvido dos jogadores, se investe do privilégio da exclusividade, como um documentarista que caminha dias pela mata até conseguir filmar uma espécie rara de ave. Um ambiente oposto ao ginásio em noite de luta, quando atletas, auxiliares, árbitros, jornalistas, fotógrafos e público se enredam numa caótica simbiose, tão diversa que o novato tende a duvidar que o ajuntamento possa vir a se transformar em evento minimamente organizado, com cada pessoa assumindo seu papel na composição do espetáculo. Antes do início dos combates, nem mesmo o ringue parece ser um espaço exclusivo. Como todos no ginásio têm acesso a ele, gente da plateia costuma dedicar alguns minutos para se aproximar, sentar na beirada, chacoalhar de leve as cordas ou desferir um soquinho no poste de canto. Ainda com os refletores apagados, o ringue se apresenta como um altar sagrado cujas energias positivas podem ser partilhadas pelos interessados na Nobre Arte.

A praça esportiva registrava um público razoável naquele evento – o maior já visto desde que Rosilete começou a lutar em São José dos Pinhais, mas ainda longe de esgotar a quantidade de assentos. A audiência ocupava principalmente as 400 cadeiras de plástico dispostas em quatro setores paralelos aos lados do ringue. Se essa disputa de cinturão ocorresse em Las Vegas, pertencesse a uma categoria masculina e tivesse ao menos um lutador norte-americano, os ingressos para esses lugares custariam entre 5 e 14 mil dólares, dependendo da quantidade de cabeças entre o espectador e o ringue. No Ney Braga, entretanto, qualquer cadeira é acessível com um quilo de alimento não perecível.

#### Pág. 171

O local era um dos pontos de encontro mais populares de Castro. Tinha música ao vivo e ficava aberto madrugada adentro. Lotava aos finais de semana e algumas pessoas ficavam na calçada esperando mesa. Rosilete e as amigas haviam reservado oito lugares. Ao ligar para as amigas que não haviam ido à luta, ouviu uma série de desistências. Isso desanimou as que estavam ao seu lado,

que resolveram também ir embora. Sobraram Rosilete, sua irmã Sueli e Keli, uma amiga da Barrinha. Os garçons começaram a pressionar as três garotas para liberar a mesa e elas foram obrigadas a sair. Estavam em frente à entrada, ainda decidindo o que fazer em seguida, quando Macaris e sua trupe chegaram.

“Você não vai entrar?”, perguntou o lutador.

“Daqui a pouco. Eu estou esperando um pessoal.”

Ficaram mais 15 minutos na entrada, até serem interrompidos por um garçom.

“Moça, o Macaris disse para você ir sentar na mesa deles.”

Rosilete ficou sem ação. Keli respondeu no lugar dela.

“Ela vai, sim”, disse a amiga tentando empurrá-la para dentro. Rosilete empacou. “Vamos, sua desgraçada”, implorou Keli beliscando o braço dela, mas a convidada não se moveu. Alguns minutos depois, o mesmo garçom voltou com um bilhete. Rosilete reconheceu a letra do autógrafo e, não resistindo mais aos apelos da amiga, resolveu entrar.

Ela supôs que Macaris deveria ser um homem muito rico. A extensa mesa, ocupada até pelo adversário e seus auxiliares, estava forrada com pizzas, refrigerantes e cervejas. O boxeador ocupava uma das cadeiras da ponta, perto de Alesandra e Fábio. Os garçons trouxeram três cadeiras e começaram a abrir espaço na outra ponta da mesa. “Não, traz aqui”, pediu Macaris. Rosilete se sentou entre ele e Alesandra. Retomou a conversa com ela, de costas para o anfitrião. A amiga Keli estava superexcitada e falava sem parar, disparando uma pergunta após a outra:

“Como é lutar?”

“É cansativo, mas é divertido.”

“E se levar um soco na cara, dói muito?”

“De vez em quando, sim.”

“E o ringue, de onde vem?”

“É meu, mesmo.”

“Curitiba é muito grande?”

“Um pouco.”

“Você luta muito lá?”

“Às vezes.”

Rosilete seguia no bate-papo com Alesandra. Interrompeu a fala ao sentir uma mão pesada sobre a sua coxa direita, por baixo da mesa. Ela repeliu o ataque com um tapa. Sentiu as maçãs do rosto ferverem e as escondeu com as mãos. Meu Deus, que sem-vergonha, cachorro!, pensou ela, muito brava. O cara casado, com a família aí, eu não acredito que ele fez isso. Com o mutismo súbito da interlocutora, Alesandra se juntou à conversa maior da mesa. Keli seguia tagarelando:

“Blá, blá, blá, blá, não é mesmo, Rosilete?”

“Hum, ah... sim, sim.”

Ela usava a mão para criar uma barreira entre si e Macaris. Percebia que ele a estava observando. O lutador

tentava puxar conversa, mas ela respondia com monossílabos. A coloração do rosto estava quase voltando ao normal quando sentiu novamente a mão boba. Dessa vez ela apertou com força, mas suas unhas curtas não conseguiram machucar a pele de Macaris. Rosilete arregalou os olhos em direção ao boxeador e afastou a mão dele lentamente.

Alesandra queria esticar a noite: “Tem algum lugar pra dançar por aqui?”, especulou.

“O Clube dos Alemães, a três quadras daqui. Vamos lá?”, sugeriu Keli. As meninas se animaram. A amiga mais uma vez atçou Rosilete, que fez uma negativa tímida com a cabeça. Macaris abriu os braços, se espreguiçando:

“Eu não vou. Tô muito cansado e tenho que viajar de volta amanhã. Vou dormir.” Falou alto para que todos ouvissem.

Após fecharem a conta, Rosilete, Sueli e Keli acompanharam Alesandra até o hotel, onde iriam dar um tempo. A irmã de Macaris fumou um cigarro e trocou de roupa. Ao descerem até a recepção, encontraram o lutador em pé, banho tomado, penteado e perfumado. Rosilete fechou a cara. Enquanto caminhavam até a danceteria, Macaris emparelhou ao lado dela e tentou pegá-la pela mão. Ela tirou o braço.

“Com que direito você está fazendo isso?”

“Ué, não posso?”

“Você não é casado?”

Macaris ficou em silêncio por alguns segundos. “Você não sabe nada da minha vida”, disse por fim.

“Nem você da minha.”

“Você tem namorado?”

“Tenho.”

“Mas eu não posso fazer nada?”

“Não.”

“Então, tá.”

Rosilete desemparelhou e começou a conversar com Keli para evitar uma nova aproximação de Macaris. As garotas chegaram à porta da danceteria vários passos adiante, mas ficaram enroscadas no segurança. Sueli era menor de idade e o homem não queria deixá-la entrar.

“Pode deixar, elas estão comigo”, disse Macaris ao se aproximar. “Ficam sob minha responsabilidade.”

“Ok, seu Macaris. Grande luta, hein?”

O lutador caçou Rosilete durante boa parte da noite, mas conseguiu cercá-la somente com a providencial ajuda de uma música lenta. Pousou a testa sobre seu ombro, sentindo a textura do cabelo longo e liso, e laçou-a pela cintura. Ela olhou em volta, verificando se não estavam sendo observados.



Carlos Machado

# Música para o silêncio

**E**m 1952, o compositor erudito americano John Cage, tido como um dos maiores nomes da chamada vanguarda artística do pós-guerra, compôs sua peça mais controversa: 4'33". Cage já vinha desenvolvendo um trabalho não muito convencional com a música contemporânea, se utilizou de instrumentos pouco usados em orquestras ou até mesmo usando os instrumentos comuns de uma orquestra de forma aleatória (foi o pioneiro da música aleatória e da música eletroacústica erudita). Nessa peça, o compositor se utilizou da ideia de música como conceito (de forma semelhante a Duchamps, famoso por expor um urinol ("fountain") no salão dos independentes em Nova York no ano de 1917) e buscou, com essa criação, uma experiência (ou melhor dizendo, várias experiências) com o silêncio.

A obra consiste em uma peça de 4 minutos e 33 segundos composta apenas por uma longa pausa tocada por uma orquestra completa (naturalmente também com um regente). Sim, meus caros, a orquestra toca uma música feita de uma longa pausa, é isso mesmo que acontece todas as vezes que alguém resolve apresentar essa obra ao público.

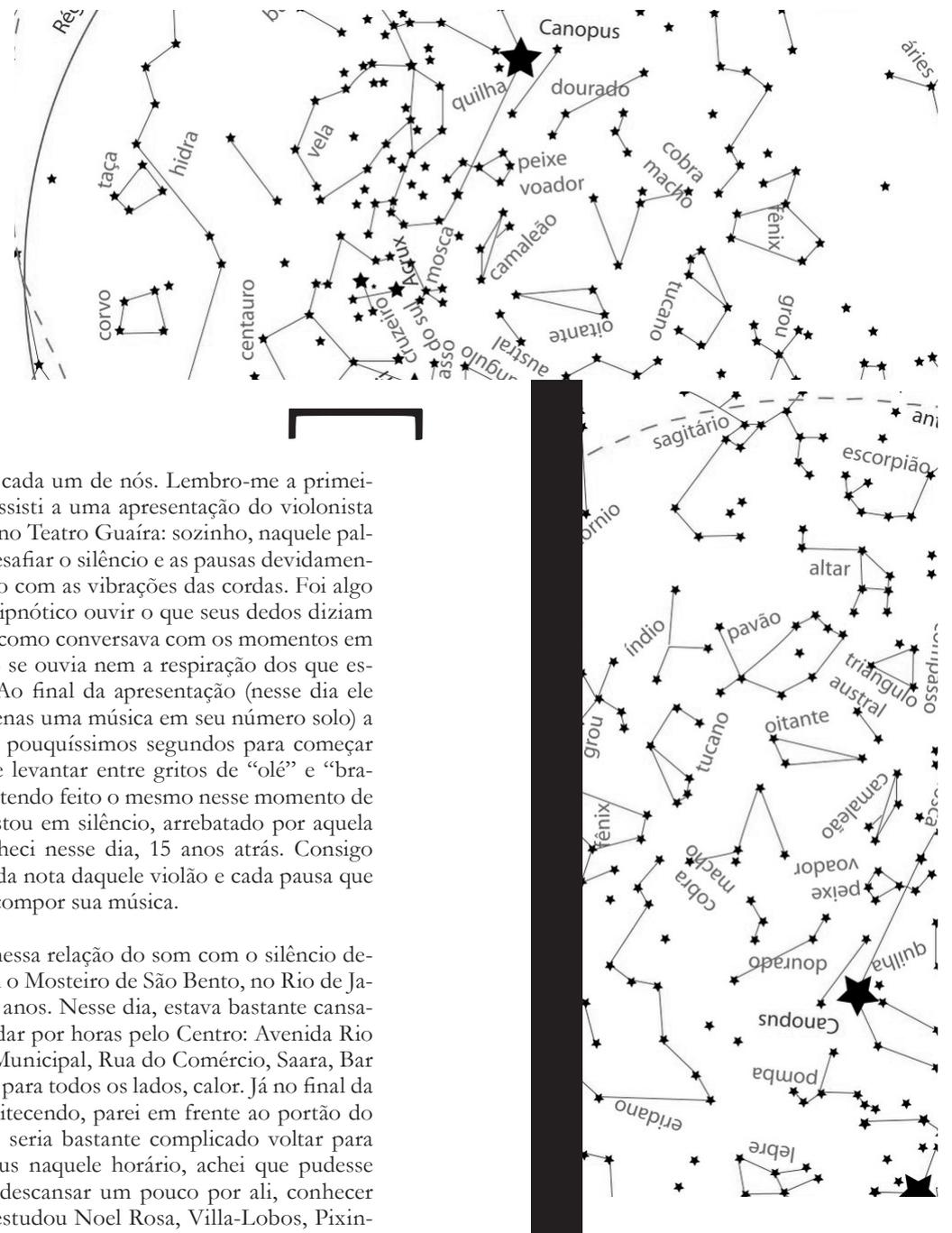
A pausa musical pode ser tão importante, ou em alguns casos mais importante, que o som dos instrumentos. Não podemos esquecer que a música só se completa quando temos o som e o silêncio. O que Cage investiga nesse conceito é justamente uma forma de nos mostrar que o silêncio, a pausa, também é a música. Até mesmo porque, em cada apresentação dessa peça, os sons causados pela plateia, pelos músicos, pelo espaço físico etc. pode soar diferente. A música se torna o desconforto do silêncio, as tosses do público, o ranger das cadeiras (e se for em um teatro como alguns que temos por aqui esse rangido das cadeiras compõe uma sinfonia incrível). Para cada execução a pausa encontra seu som próprio, e assim o conceito da música se mostra mais evidente. Esse silêncio na música também vem do espectador. Quantas vezes não nos deparamos com algo insuperavelmente extraordinário quando ouvimos e temos vontade de gritar e ao mesmo tempo de ficarmos absolutamente quietos, sem nos mover, em transe, ouvindo e vendo um artista se apresentar? Esse silêncio pode ser

devastador para cada um de nós. Lembro-me a primeira vez em que assisti a uma apresentação do violonista Murillo Da Rós no Teatro Guaiara: sozinho, naquele palco, ele parecia desafiar o silêncio e as pausas devidamente pensadas junto com as vibrações das cordas. Foi algo absolutamente hipnótico ouvir o que seus dedos diziam para as cordas e como conversava com os momentos em que parava. Não se ouvia nem a respiração dos que estavam ao lado. Ao final da apresentação (nesse dia ele havia tocado apenas uma música em seu número solo) a plateia demorou pouquíssimos segundos para começar a aplaudir e a se levantar entre gritos de "olé" e "bravo". Eu, mesmo tendo feito o mesmo nesse momento de euforia, ainda estou em silêncio, arrebatado por aquela música que conheci nesse dia, 15 anos atrás. Consigo ainda escutar cada nota daquele violão e cada pausa que procurava para compor sua música.

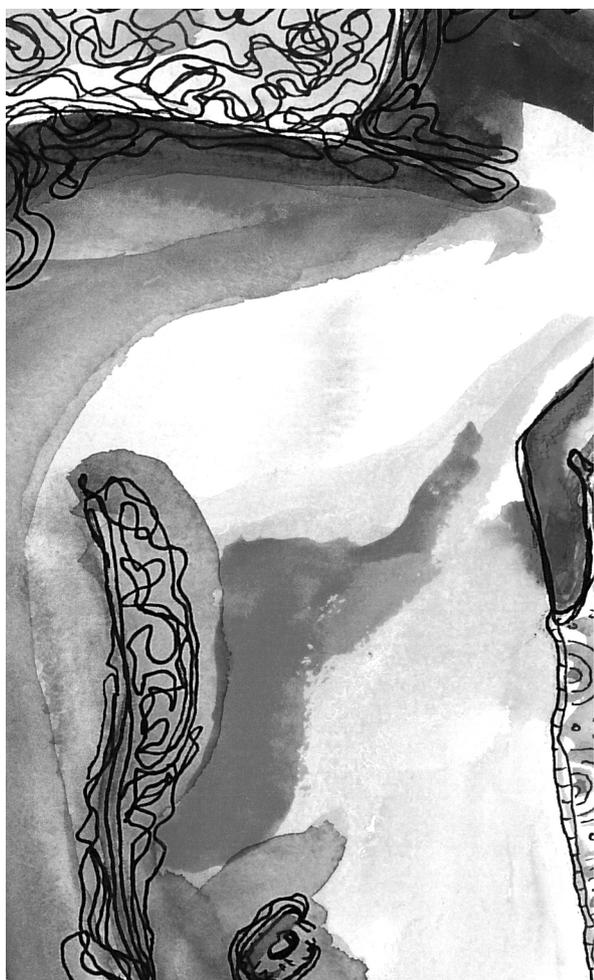
Voltei a pensar nessa relação do som com o silêncio depois que conheci o Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro, há alguns anos. Nesse dia, estava bastante cansado depois de andar por horas pelo Centro: Avenida Rio Branco, Teatro Municipal, Rua do Comércio, Saara, Bar do Luis, pessoas para todos os lados, calor. Já no final da tarde, quase anoitecendo, parei em frente ao portão do mosteiro. Como seria bastante complicado voltar para o hotel de ônibus naquele horário, achei que pudesse ser interessante descansar um pouco por ali, conhecer o local em que estudou Noel Rosa, Villa-Lobos, Pixinguinha, entre outros. Subindo as escadas do mosteiro, já comeci a perceber que o murmúrio da cidade foi ficando para trás. Lentamente. E o que eu encontrei lá em cima foi essa mesma sensação de silêncio que nos segura e nos coloca diante de uma situação de rendição. Dentro da capela, um grupo de monges ensaiava um canto gregoriano, entre notas baixas contínuas e o silêncio para a respiração. Nada mais.

É isso que propõe John Cage com sua 4'33" ou, então, Murillo Da Rós com sua música desafiando a pausa e o silêncio.

É isso que só os gênios sabem fazer: música.



Maximilian Rox



Lara Amaral  
Técnica: Aquarela e nanquim

# Rabiscado

## no canto da memória

A madrugada suspirava por entre meus ouvidos. Era calma, leve como a rajada de vento que cruzava por toda a rua escura – e que dobrava em algum ponto desconhecido além dos três palmos iluminados à minha frente. O silêncio apontava o momento mais obscuro da noite: quando os únicos acordados eram aqueles assombrados pelos pesadelos. As festas cessaram; os bares cansaram; os bêbados caíram; e as lamparinas, tímidas, já adormeciam. Uma cidade abatida pelo sono, levada ao reino das fantasias do inconsciente.

Mas um passo corta a noite. Seco, baixo – e único. Talvez a última das prostitutas dobrando uma esquina distante, com passo lento e de ressaca. Era daqueles ruídos que nos incomodam quando estamos procurando um momento sozinho, distante dos demais, procurando um local só seu para pensar, refletir. Gostava da madrugada pelo silêncio, e parecia que qualquer som o desconectava de seus pensamentos. Um ruído assim, em especial, tirou a meditação em meio ao sereno da madrugada – consumiu a atenção de uma forma que não conseguia mais retomar a mesma inspiração de antes.

O passo ecoou novamente na escuridão, conquistando um ritmo cada vez mais sóbrio em um som característico de um sapato feminino. Adquiria um ar cada vez mais determinado e seu destino era vago, perdido entre a noite. Foi tomando conta da mente, descascando a perturbada sanidade – e logo eles pareciam soar de todos os cantos da rua, caminhando por entre os becos e avenidas secundárias, atingindo por fim a calçada.

E, finalmente, quando os passos diminuíram e cessaram, um semblante com um vestido azul apareceu lentamente sob a iluminação escassa do poste. Lembrava daquele vestido, de algum jeito recordava dele a ponto de seu coração palpitar, e a respiração bateu forte, liberando todo seu peso emotivo em uma só expiração.

A dona daquele vestido, não, quem era mesmo?

O coração acelerava a cada músculo que movia em sua direção, mas não recordava a face já tão carregada para longe da consciência.

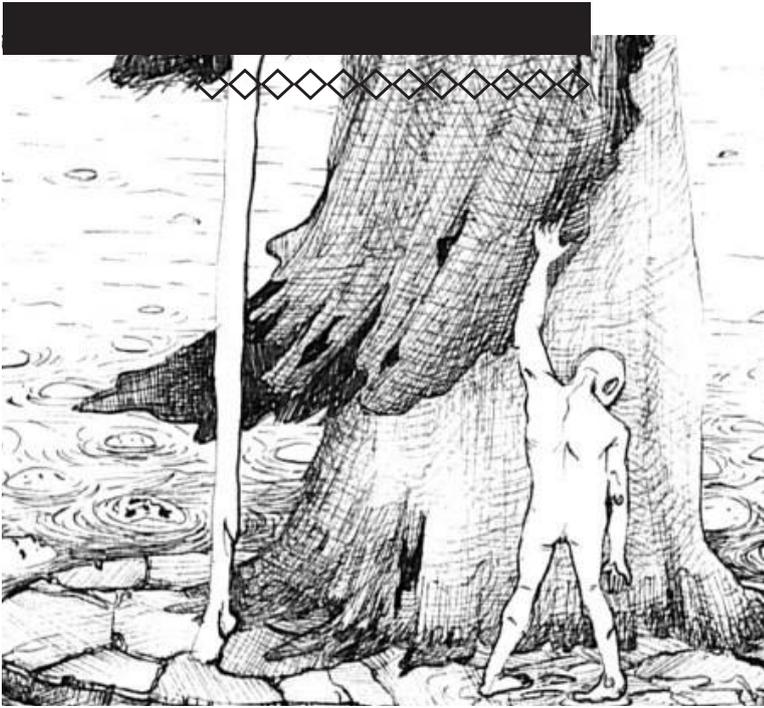
Uma miragem da insanidade, uma construção de detalhes esquecida pela memória, não poderia ser ela ali – e quando a escuridão deixou de escondê-la o coração bateu, acelerou, explodiu em emoções que não podiam ser identificadas, que não se definiam nas veias e mesmo assim rasgavam o interior do seu peito.

Resistiu por um momento qualquer possibilidade de que aquilo fosse falsidade, que a memória o estivesse enganando, até que a mente pesou, escureceu. E acordou, mal, enjoado e perturbado por um irritante som de pisca-pisca.

Os olhos confrontaram um volante, encontrando a umidade do sangue que se espalhava pela borracha. A cabeça estalou, doendo como se uma agulha perfurasse lentamente o interior do crânio; e de imediato encontrei um filete vermelho por sobre sua bochecha subindo até o couro do cabelo. A noite pesava pelo cenário, visível apenas sobre os faróis acesos do carro amassado sobre uma árvore. Havia batido, e não havia mais ninguém ao seu lado. Havia sonhado por todo esse tempo, um sonho que lhe doeu profundamente de lembrar.

Um sonho cuja senhorita insistia por fugir da memória. Era tão familiar como se a visão mental suspirasse para que a consciência identificasse, mas a agonia de não reconhecer só aumentava a dor de cabeça. Projetava cada sinal elétrico dos neurônios com uma pontada fina em seu crânio. Parecia importante lembrar, precisava lembrar, era necessário, mas lhe doía cada instante. Tinha que ligar para alguém lhe ajudar, pedir socorro, sair daquele maldito carro – mas a memória não lhe deixava em paz: jogava cada vez mais o sorriso encabulado na sua tela mental, que não lembrava, não lembrava, insistia e esquecia. Uma memória que, talvez, já se fizera; mas não calava, quem era, ela?

Pedro Lemos



João Paulo Melo  
Técnica: Nanquim

## Lábios vermelhos

chovia lá fora  
 e chovia aqui dentro  
 também  
 eu não sabia  
 o que esperar  
 até encontrar  
 em meio a história  
 aqueles lábios vermelhos  
 e os olhos  
 da cor do  
 nirvana  
 que  
 esquivavam-se dos  
 meus  
 brilhava mesmo sem querer  
 e dançava mesmo sem saber  
 os passos  
 mas ainda sim era bonito  
 o que ela fazia  
 ela me fez esperar  
 e eu esperei  
 como um cão  
 eu esperei  
 sem reclamar  
 sei que ela  
 está ocupada  
 e que não faz por mal  
 só posso dizer  
 e esperar  
 (novamente)  
 que ela compreenda  
 que o amor não é  
 uma obrigação,  
 lábios vermelhos

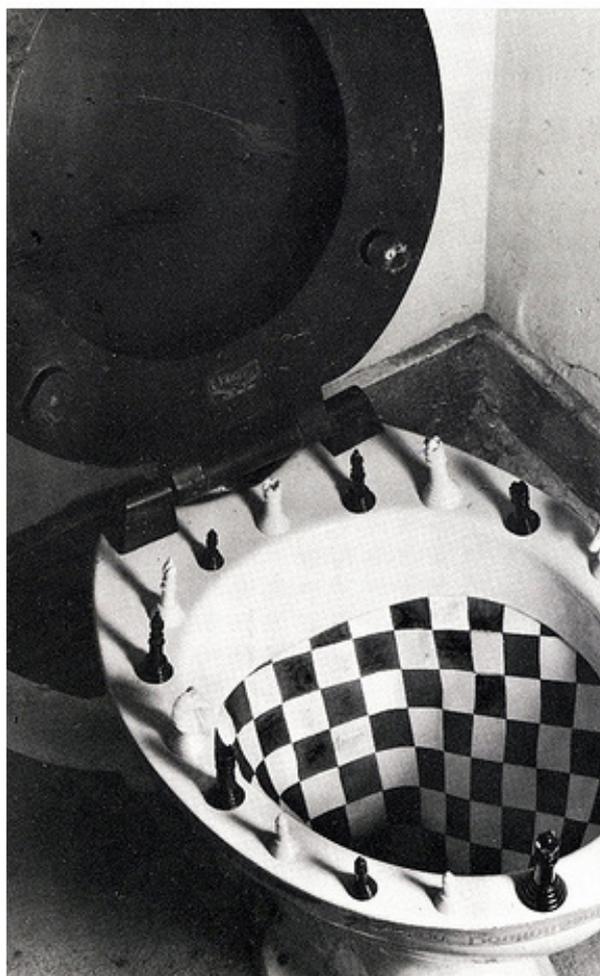
Mia Macedo

Você me ofereceu  
 Pinga de café  
 Pra me ensinar  
 A te esquecer

Embriagarei-me  
 De pinga de café  
 E um pouco de cerveja  
 Até vomitar tudo que sinto  
 E acordar pura  
 No dia seguinte

Marcio Renato dos Santos & família desejam Feliz Natal  
 e próspero Ano Novo a todos leitores, colaboradoras,  
 anunciantes, amigas e simpatizantes do **Jornal RelevO.**

Victor Hugo Turezo



Rico Lins  
Técnica: Digital

O calor infernal cortava todas as cabeças da multidão entorpecida pela fumaça que saía de todos os cantos e buracos. Por mais natural que fosse jogar aos pulmões toda aquela massa cinzenta, eles sentiam. Ao longo do tempo, então, sentiam mais ainda. As pernas começavam a bambear e a visão já não reproduzia a realidade. Enxergavam pontos verdes e pretos misturados à imagem de bebês sendo atirados de prédios, onde maridos e esposas brigavam pelo último gole do uísque mais vagabundo e tentavam matar um ao outro atirando facas, pedaços de madeira, pratos. Às vezes o que viam era um homem sentado no meio da avenida principal, comendo pedaços de carne crua. Pelo canto de sua boca corriam finos filetes de sangue, que ele absorvia com sua enorme língua antes que pudessem aterrissar sobre o asfalto. Não conseguiam tomar controle de nada. Estavam sendo consumidos pelo calor e pela fumaça. A calçada refletia os raios secos e descomunalmente ardentes. As vitrines estavam cobertas por uma espessa camada cinza de pó. E todos imploravam para que tudo aquilo parasse. E todos viam suas vidas sendo corroídas por tudo o que não possuía vida. Despedaçados pelo ar.

Os pés presos à calçada derretida queimavam junto com os sonhos e pesadelos. O dinheiro acabou, a cerveja acabou, os dias inteiros em frente à televisão acabaram. As boates, os carros, as igrejas e suas imagens machucadas pelo tempo e restauradas com o mesmo dinheiro que era negado ao mendigo que transpirava fome, já não estavam lá. Folhas secas. Farelos de folhas secas tocavam o vento. O silêncio predominava por toda parte e não se podia ouvir e nem sentir qualquer ruído. Os pequenos pedaços marrons dançavam pela atmosfera suja e pesada.

De repente, alguém gritou algo como: POESIA, QUEM PRECISA MORRER DE POESIA? Mas logo o som se afastou e se perdeu.

O cheiro de enxofre parecia interminável. Saía dos dedos da multidão quase morta. Aos poucos, eles iam desistindo, como sempre desistiam de tudo – dos relacionamentos, de suas vidas, de seus empregos e subempregos. Logo todos caíram desesperados, a morte alcançara a plenitude.

Laís Valério Gabriel



Eva Parisi  
Técnica: Acrílica

## Festa à fantasia )

Fui convidada para uma festa à fantasia. Não sei que personagem escolher. Não quero ir de Branca de Neve porque eu não como maçã. E se comesse a envenenada, morreria pra sempre. Não nado tão bem para me transformar numa Pequena Sereia e nem quero perder minha voz para ter uma calda flutuante que talvez sangrasse com o sal do mar. Não tenho a paciência de Rapunzel para esperar meus cabelos crescerem e nem bela voz para cantar quando há tédio. Se grandes tranças tivesse as usaria para voar. Correia até o topo mais agudo do morro mais alto que fica mais longe e me deixaria cair. Caiiiiir, caiiiiir. O vento bruto de baixo pra cima me ergueria o vestido de princesa e taparia toda a minha visão. Irritada e em plena queda eu daria um jeito de despregar os botões pra que o vestido de princesa passasse direto por mim, subindo até a minha cabeça pra se perder em alguma árvore quando, depois de quase atingir o topo mais agudo do morro mais alto que fica mais longe, encontrasse a gravidade outra vez. E então, sem vestido pesado de princesa, sentiria as aconchegantes cócegas das nuvens, o cheiro das flores nos meus seios e o volume dos pássaros nos meus ouvidos.

Com as tranças desfeitas e o perigo do chão se aproximando, meus cabelos castanhos, e não loiros, como imagino envenenada pelas histórias-Disney enquanto escrevo este trecho, se transformariam numa cama que resguarda meu pouso. Como rede eles se colocariam entre duas árvores para eu respirar ali o fôlego da viagem que é cair do topo mais agudo do morro mais alto que fica mais longe e não morrer.

Fui convidada para uma festa à fantasia e não sei qual personagem escolher. Não quero ir de Bela Adormecida pra não correr o risco de perder a festa e ficar a noite toda em casa. Dizem que a Bela, a outra, gostava de ler. Quem sabe eu não encontro uma Fera na tal festa? De Cinderela não tem como porque eu não tenho madrasta e nem falo com passarinhos, ratinhos e esquilos da floresta. Se falasse procuraria a resposta pra pergunta que me insônia: onde encontro o filete de calma que perdi no caminho da rotina?

Fui convidada para uma festa à fantasia e não sei qual personagem ser. Conversando com uma amiga naquela rua que não passam carros e conversando com a mesma amiga tomando suco de framboesa, a minha amiga que estava comigo na rua onde não passam carros tomando suco de framboesa disse sei lá, não tenho nenhuma ideia de fantasia pra você ir na tal festa à fantasia. Pensei em ir de espia no momento em que o último gole gelado de framboesa caía no meu estômago quente. Eu vou de espia nessa festa à fantasia para investigar onde encontro o filete de calma que perdi no caminho da rotina.



Fui convida para uma festa à fantasia e não sei qual chave quebrada. Chave quebrada.

Chave.  
Quebrada.

A minha chave está quebrada na porta do apartamento. Eu nem vi isso antes e nem sei o que fazer com isso agora. Eu poderia ligar para um amigo, quem sabe para um chaveiro. Tudo indica que tenho instrumentos físicos e raciocínio mental para tal. Mas não. Eu nem sei como essa chave se quebrou. A minha chave está quebrada na porta do apartamento. Devo ter ficado uns vinte minutos com as costas curvadas reparando na nova rachadura da porta segurando metade da chave na mão. (É que quando respirei mais profundo doeu no pulmão. Acontece. Quando se fica com as costas curvadas por ao menos uns vinte minutos com metade da chave na mão reparando na nova rachadura, ou na nunca antes reparada, falta ar entre as costelas e elas demoram a se expandir outra vez. Então, até que se acostumem com o ar entrando no meio dos ossos dói mesmo. É preciso respirar fundo várias vezes).

Seguro na mão a outra metade da chave e olho com testa enrugada para a porta. Eu nem sei como essa chave se quebrou. É impossível sair, visto que essa é a única passagem desse metro quadrado que me serve de moradia. Eu nem sei quando o meu pensamento se curvou. Do olho mágico eu vejo um pedaço da janela que fica no fim do corredor. Da janela eu vejo um pedaço da construção que fica no fim do corredor. Dentre os tijolos há boas ca-

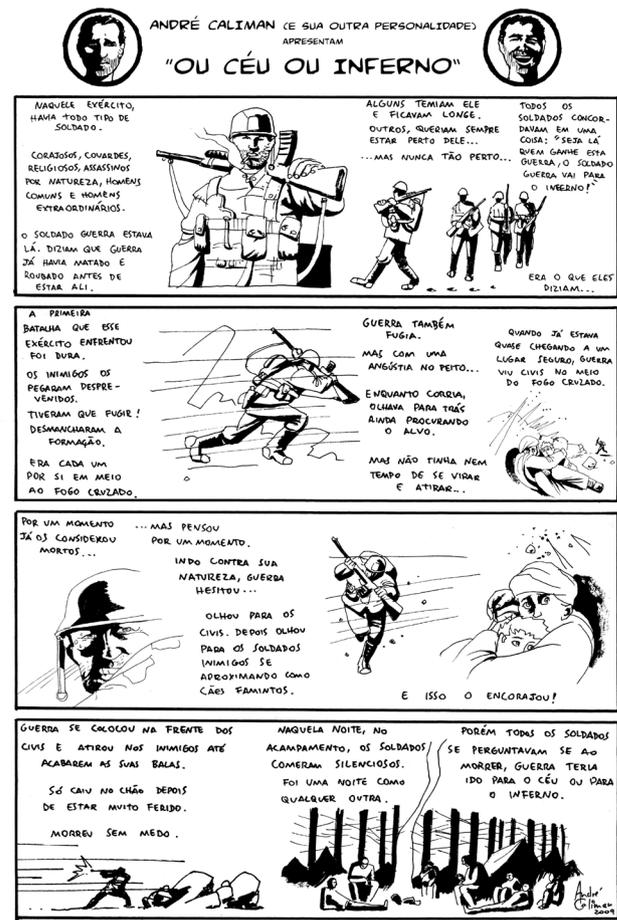
madras de cimento preso. Eu vejo concreto na cara do vizinho que está levando seu cachorro para um passeio. Concreta eu parada feita uma porta. Essa porta! Presa eu entre o lado de lá e o lado de cá feito o coitado do cimento. Minha testa enrugada respira apoiada na tal porta enquanto minha mão, a mão que segura a outra metade da chave, continua ao alto, próxima ao meu rosto de olhos fechados que ainda não encontraram o filete de calma perdida.

Fui convidada para uma festa à fantasia e acho que hoje vou fazer aquelas panquecas de salivar a boca. Comer, dormir e aguardar as plantas. Ver um filme e não lavar a louça. A minha chave está quebrada na porta do apartamento. A minha chave está confusa no meio de tanto instrumento.

Tem outro vizinho passando com outro cachorro.

Quando o braço que tem a mão que segura metade da chave já estava entregue ao peso de estar no alto, reparei no namorado que saiu correndo atrás da namorada. Ele ainda vestindo a camiseta. Ela puta bateu com força o portão do meio lá embaixo e a vibração de sua raiva direcionada aos seus músculos numa intensidade tal capaz de tremer o portão ao fechá-lo subiu pelas vigas internas do prédio antigo, percorreu rapidamente as paredes esponjosas e vibrou a porta do meu apartamento que tinha nele repousada: a minha testa. Ai.

André Caliman



u fa!

defenestrando.com

Rodrigo Araújo



Luna Loo  
Técnica: Nanquim e aquarela

# Meu nome gritado

## Beta >>

Você se ajeita na poltrona e nota que o tecido encardiu, liga a tevê e troca os canais. Alguém dá entrevista com voz metálica, o pastor faz seus milagres, tragédia no Oriente Médio, show de música sertaneja, comercial de margarina, uma loira abre um sorriso hollywoodiano para o moreno alto. Você pesa o valor dos dois, difícil decidir. Desliga e fixa o contraste da loira e o moreno. Você confere os calos da mão, os dedos enrugados, a aspereza do rosto. Descasca o esmalte das unhas e joga no aquário para ver se o peixe come. Para ele tudo é mais fácil. Você pensa que precisa de mais um quadro, mas percebe que na parede não há mais espaço. Baixa os olhos e confirma as estrias, acha-as estranhas. Então, você decide que o pênis não mais lhe convém.

## Quem >>

Gritaram meu nome na rua. Não sei que pavor aquele, me fez apertar o passo, dobrar a esquina, entrar subitamente no prédio. Do sombrio hall olhei seu vulto passar sem distinção, pude ouvir com clareza meu nome gritado novamente pela voz estranha. Não saberia dizer por que fugi. Faltou-me o ímpeto de acompanhar seu espectro, investigar seu destino. Quem era essa obscura voz me gritando? O que podia querer comigo? Seria um amante vacilando de saudade? O juiz que conhece os meus crimes?

Subi ao meu quarto, tranquei-me na solidão. Olhei pela janela, fitei o horizonte interrompido pelos prédios. Busquei o desconhecido que me buscou, me quis. Mas ele havia se afastado do meu quarto.

## Corredores de sal >>

Ela vivia com o saleiro atrás das lesmas. Não adiantava que eu pedisse para deixá-las em paz. Até o dia em que não aguentou, encontrei o bilhete de chavões em cima da mesa, por causa das lesmas ela dizia.

Acredito que subiam pelo ralo, bastaria tampar. Tomaram conta da casa, seu rastro brilhante por toda a parte, do chão ao teto, dentro dos copos, no controle da tv, na tela do computador, não sei como entraram na geladeira.

Quando sentia falta da mulher me distraía com elas, fazia corredores de sal para vê-las andar lado a lado. Apostavam corrida. Às vezes acordava assustado e encontrava um molusco de um palmo sobre o peito. No trabalho, todos os papéis estão colados pelo suor pegajoso que escorre dos meus dedos.

A saudade me maltratava. Ontem cheguei em casa e as encontrei sob o lençol, cochilando umas sobre as outras, centenas de gastrópodes. Então tirei a roupa e me deitei.

Sid Summers

## Os Insetos São mais Insistentes que as Testemunhas de Jeovah aos Domingos

As muriçocas que zunem ao redor de minha cabeça também penetram em minha carne de um jeito estranho. Elas introduzem uma espécie de canudinho na minha pele e sugam meu sangue como se tomassem um milk-shake. Foram as muriçocas que me ensinaram o prazer da caça, o prazer advindo da morte. O montinho cuidadosamente construído no chão, a partir do empilhamento dos seus torpes cadáveres, é responsável por uma fruição inefável, gozo e êxtase quase transcendental. As cocceiras e saliências espalhadas pelo corpo, entretanto, me lembram sempre da imanência do mundo material.

Uma das extremidades da coberta enrolada em si própria era a arma mais eficaz de que eu dispunha na maioria das vezes. As manchinhas vermelhas no tecido, uma obra dadaísta composta em cut-ups diários de devolução de meu sangue. Quase valia a pena ser picado inúmeras vezes... O saco de lixo aberto no canto do quarto guarda corpos obtidos em batalhas anteriores. Dele exala o característico fedor de insetos podres que eu aspiro, a pleno pulmões, ar rançoso de vitória.

A caça é uma tarefa que exige paciência. É necessário não somente saber esperar o momento certo, mas ser o suficientemente rápido e preciso para acertar o golpe. Se entregar ao corpo, prescindido da censura do superego, assassino e frio, vergonha aos teus pais ou humanos que o saibam. A experiência lápida a feitura dos montículos de casca e sangue. E o aumento do seu volume é uma prova empírica do aperfeiçoamento, irrefutável.

No limite da sua elasticidade, as muriçocas gordas explodem como bolas de soprar, como uma espinha madura e amarelada tomada pelo pus quando espremida por dedos experientes. Nem sempre suas patas se soltam... Bípedes, trípodes, quadrúpedes, ou seja lá quantas patas lhes sobrarem, a imagem dos seus pequenos olhos esbugalhadas saltando-lhes da face nunca desaparece, pequenos cometas voadores, numa curta jornada, irradiando liberdade.

Se eu parasse para ouvi-las, talvez me reclamassem das suas indignas condições de sobrevivência. Mas só um zum-zumz-zum, zunido insuportável, é decodificado pelo meu cérebro. Ambos são os papos dignos dos insetos. Enquanto aos homens que estão com eles por perto, resta apenas resistir enquanto ainda eles não foram exterminados. Resistir o quanto der não apenas aos insetos, mas insistir no tabuleiro de xadrez e dar um jeito, sempre que possível de aumentar a aposta. Todavia, se o risco não te leva a vitória, é provável que voce passe por um processo kafkaniano e se torne mais um inseto, zunindo resmungos nos ouvidos alheios. Não tentar é o pior dos crimes.

Nas noites quentes ou nas noites de clima ameno... É inútil teorizar suas vindas, sua presença, seus movimentos táticos enquanto guerrilheiras natas, alados esquadrões de insistência. O sono vem resignificando palavras em simbolismo simples, sem sentido quando releio (apesar da certeza de que tenho alcançado os mais profundos mistérios do universo, a fina flor da sabedoria). Os insetos se multiplicam na chuva e não desaparecem quando faz calor. A noite passa inexorável, enquanto nós também passamos por ela. Risco letras no papel à espera do próximo golpe. Nessa noite, falta apenas mais um "tijolinho" para minha pequena e inútil construção.




**Panificadora e Confeitaria**

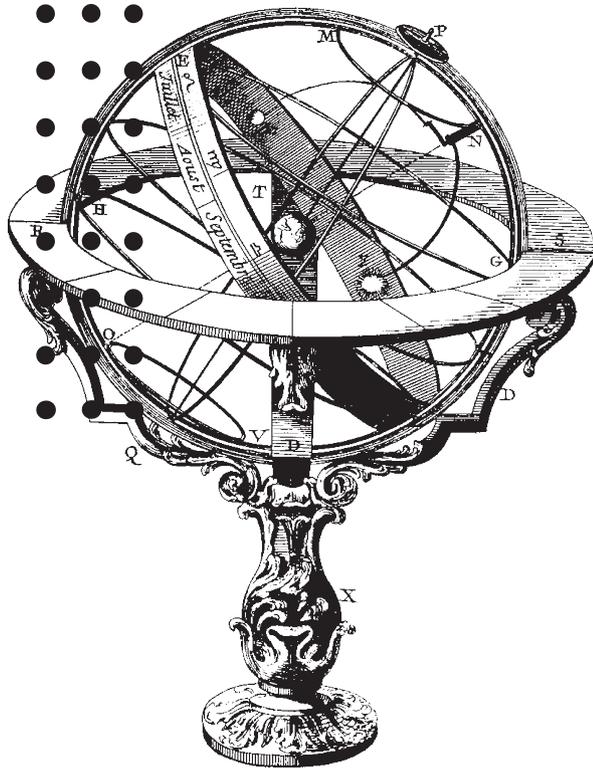
*Água na Boca*

**3642-9376**

panificadoraaguaboca@hotmail.com.br  
Rua Pedro Druszc, 122 - Centro - Araucária

Mateus Ribeiro

## Dezembro Horóscopo



*Aqui na redação celestial do Horoscopeiro, uma regra é impreterível: não misturamos nossas vidas pessoais com o trabalho. Sabemos que astrologia é coisa séria e que vidas dependem disso, portanto é de exímia responsabilidade que tenhamos a cabeça no lugar. Digo isso, caro leitor, porque a coisa não está fácil. O tradutor das estrelas que vos escreve foi dispensado de seu relacionamento (Simone, aquela leonina filha-da-puta!, - perdão) e terminou com o emprego, ou melhor, com o ótimo bico de professor universitário que garantia um dinheiro extra no fim do mês. Conto com sua colaboração nessa fase difícil e agradeço desde já pelas mensagens de apoio. Saibam que faço o possível e o impossível, como sempre fiz, para não prejudicar as leituras de dezembro. Por sinal, vamos a elas!*

**Áries:** Vênus gira por sobre a Lua em Escorpião e a vida é um lixo e não tem sentido.

**Touro:** Dezembro é a época certa para você relembrar seus sonhos e banhá-los em merda equina, porque eles não valem nada.

**Gêmeos:** Alguma coisa Netuno ou Urano alguma coisa Libra alguma coisa cadeira de rodas ou carteira de rosas ou cadeira de roscas.

**Câncer:** O começo de dezembro lhe reservará coragem em viver. Tenha isso em mente porque você morrerá em breve e não terá conquistado nada nesse mundo.

**Leão:** Amor é uma mentira.

**Virgem:** No solstício de inverno em Peixes, ninguém se importará com você. Porque ninguém se importa com você. Seus amigos sentem pena só de ouvir seu nome, que por sinal é horrível.

**Libra:** Júpiter se lança em Touro e Simone, se você estiver lendo isso, você é uma vagabunda e eu te odeio. Se você não estiver lendo, você ainda assim é uma vagabunda e eu ainda assim te odeio. Aliás, sua mentecapta, eu nunca gostei de "How I Met Your Mother". Nove, *nove* temporadas assistindo àquele podredouro apenas pra voçe não encher o saco. Sabe o que as estrelas dizem sobre How I Met Your Mother? Dizem que deveria ter acabado em 2009!!!!!! Por que sequer ver aquilo se, 1. você sabe o que vai acontecer,

2. você sabe quem é a mãe, 3. não é engraçado, hein? Pois tome conhecimento de que já mudei a senha do Netflix, e dessa vez não é "dragonball1234". Outra coisa, quando digo que seu empadão de frango é "exótico", quero dizer que ele tem o gosto que imagino em um frapê de catarro. O mesmo vale práquele seu vestido azul-marinho: é lindo, absolutamente lindo pra um dromedário. E suas piadas, bom, nisso você podia se inspirar em How I Met Your Mother e *gravar* risadas pra não passar vergonha.

**Escorpião:** Mercúrio cresce em Gêmeos e seu animal de estimação é ridículo.

**Sagitário:** Tanto faz.

**Capricórnio:** Sua família é burra e te educou errado.

**Aquário:** Você é um fracasso e nunca vai encontrar ninguém.

**Peixes:** Simone, volta pra mim por favor. Por favor. Vamos conversar. Me dá uma chance de conversar. POR FAVOR. Você é tudo pra mim. Simone, você ainda tá brava porque eu apostei meu salário de junho no Coritiba se classificando pra Libertadores? *Era Netuno em Capricórnio, Simone, não tinha erro!* O Luiz me disse que você andou saindo com o Augusto, é verdade? Diz que não é verdade, por favor. Como ele pode ser melhor que eu? É porque ele é astrônomo? Até eu sei que ele só quer te comer, Simone, e eu acredito em horóscopo!!! Faça o que você quiser pra você voltar, Simone, até astrofísica, mas volta, por favor.

Aliás, dezembro trará "sorte no amor" aos piscianos. Fodam-se.

DICESAR  
BECHES  
Advogados associados

www.dicesaradvogados.com.br

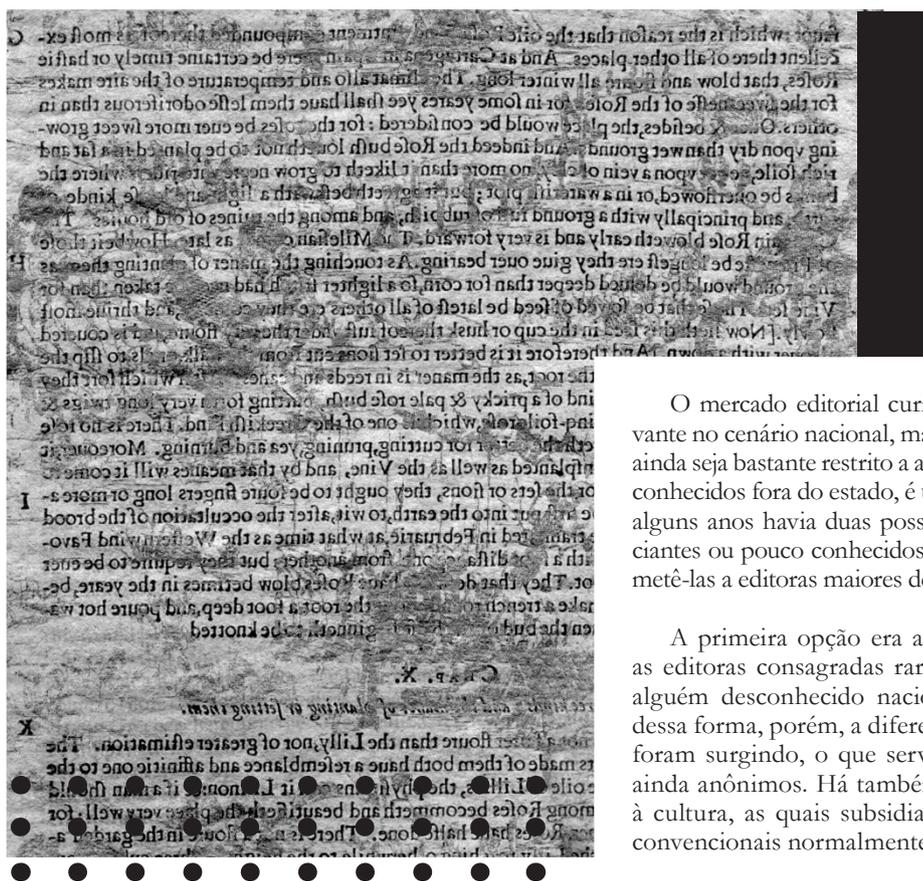
Avenida Iguacu, 2947, sala 74 (41) 3082-1470  
Água Verde, Curitiba - PR

Rua Coronel Joaquim Palhano, 184, salas (41) 3242-1554  
1/2/3/4 - Centro, Araucária - PR

Daniel Osiecki



## De volta às estantes



O mercado editorial curitibano é praticamente irrelevante no cenário nacional, mas está crescendo. Mesmo que ainda seja bastante restrito a autores paranaenses não muito conhecidos fora do estado, é um mercado em ascensão. Há alguns anos havia duas possibilidades para escritores iniciantes ou pouco conhecidos: bancar suas edições ou submetê-las a editoras maiores de outros estados.

A primeira opção era a mais certa, mesmo porque as editoras consagradas raramente arriscavam publicar alguém desconhecido nacionalmente. Ainda funciona dessa forma, porém, a diferença é que pequenas editoras foram surgindo, o que serve de vitrine para escritores ainda anônimos. Há também algumas leis de incentivo à cultura, as quais subsidiam publicações que editoras convencionais normalmente não publicariam.

Paulo Leminski (1944-1989), um dos maiores poetas curitibanos, bancou suas primeiras edições. *Catatau* (1975), seu primeiro romance, só foi editado porque Leminski foi persistente e também contou com a ajuda financeira de amigos. Atualmente há algumas editoras que publicam a obra de Leminski, como a *Iluminuras* e a *Companhia das Letras*, gigante no cenário nacional, ambas de São Paulo.

Jamil Snege (1939-2003), outro grande escritor curitibano, por motivos familiares ainda não teve sua obra reeditada. Escritor curitibano dos mais originais e atualmente fora de catálogo, Snege impressiona muito por seu deboche e cinismo. Sua escrita é aparentemente leve e acessível, sem medo de ser simples. Snege não poupava ninguém de seu olhar crítico e irônico (nem a si próprio) e seu humor era bastante ácido. Contudo, por algum motivo ainda não despertou interesse das grandes editoras brasileiras. Snege, assim como Paulo Leminski, publicou por conta seus primeiros livros. Em Curitiba, a Editora *Travessa dos Editores* publicou parte de seus livros.

Duas recentes editoras de Curitiba, a *Kafka* e a *Arte & Letra*, estão reeditando a obra do escritor catarinense Manoel Carlos Karam. Figura conhecida nos meios literários curitibanos, Karam se mudou para a capital paranaense em 1966 e aqui permaneceu até morrer, em 2007. Deixou uma obra vasta e original, mas, assim como a de Jamil Snege, pouco conhecida.

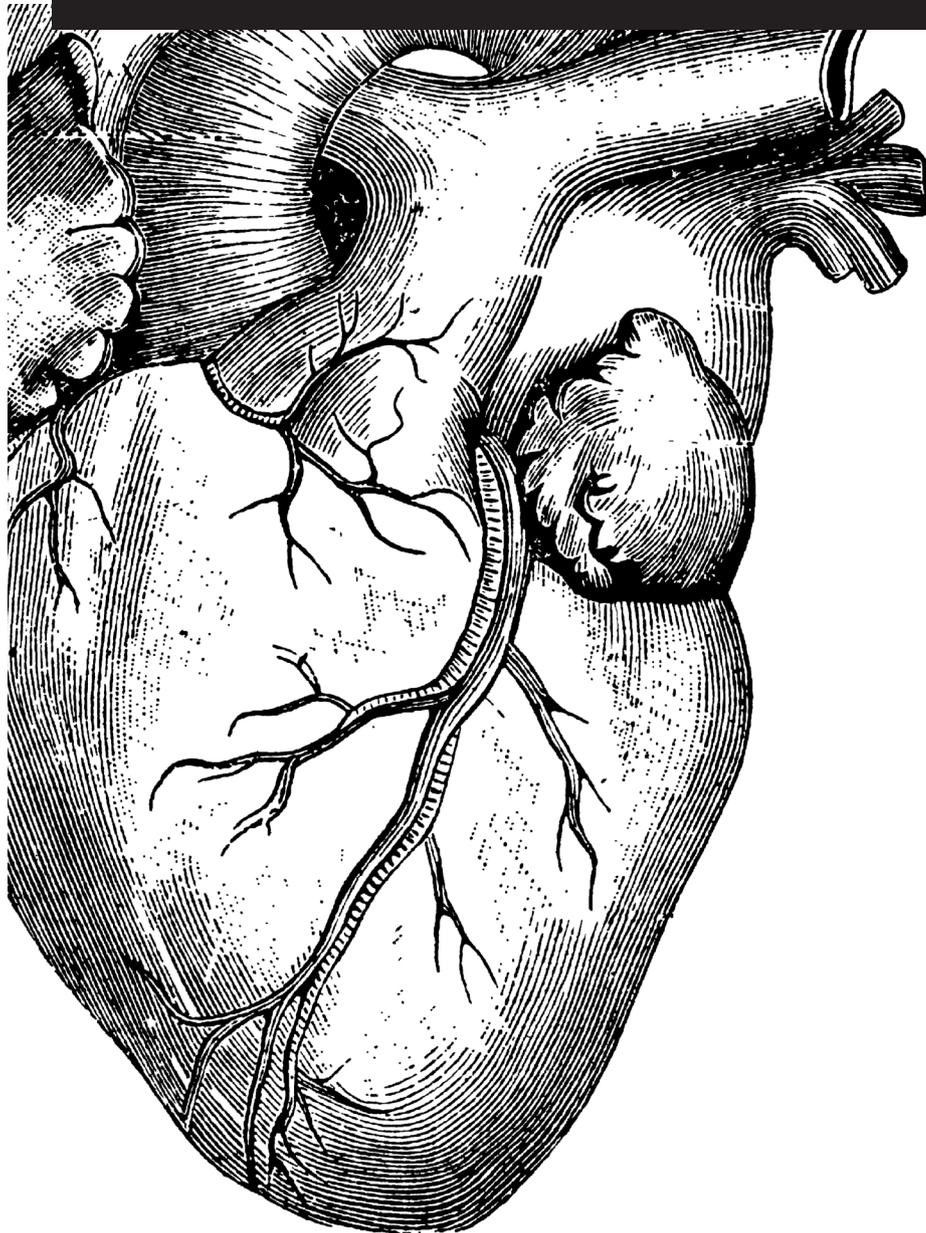
Seus romances *O Impostor no Baile de Máscaras*, *Fontes Murmurantes* e *Cebola* foram reeditados pela *Kafka*. Já os romances *Comendo Bolacha Maria* no dia de São João e *Pescoço ladeado por parafusos* foram reeditados pela editora *Arte & Letra*.

Karam e Snege são muito comparados não apenas pelo modo como viveram e pelos meios que frequentaram, mas pelo próprio estilo literário de cada um. Karam pendia mais para um humor reflexivo, não se dirigindo especificamente a ninguém, mas à condição humana como um todo.

Snege, assim como Karam, é um dos grandes escritores curitibanos que não tiveram seu devido mérito reconhecido em vida. Foram verdadeiros autores de vanguarda em vida e continuam sendo postumamente. A obra de Paulo Leminski esperou 24 anos para ser reconhecida de forma mais expressiva nacionalmente por público e crítica. Esperamos que Jamil Snege e Manoel Carlos Karam levem menos tempo.

Rodrigo Madeira,  
Gladston Holanda  
Renato Vieira Ostrovsky  
Rui Werneck de Capistrano

Maria Cecília Coutinho



## caduceu de hermes. musa coroada

absinto amarelo de açúcar queimado. sem água. na artemísia as fadas despertam. elas decidem o que deve ser feito! na vida, há que se considerar a opinião das fadas. sim, as fadas do absinto. das asas pequenas - espirais. abrem-se portais!

música prenuncia a madrugada sedenta de êxtases alquímicos. os deuses sabem dançar! e dançam loucamente entre fadas coroadas de hera. os deuses sabem dançar! sândalo e mirra evaporam em fumaças espirais. abrem-se portais!

os deuses sabem dançar! mantra circular de cisne e harpia. cítara - cordas frouxas. vibração sincrônica aos sussurros absortos. sudário dos ponteiros pausados - fadas e deuses temperam o líquido de metálicas espirais. abrem-se portais!

## suspiro não fotografado

em fusas e colcheias mãos cortam a fumaça de um cachimbo. cicatrizes do passado em pulsos enrijecidos. o passado - que nos verbos da lógica, passou. mas o que tem a lógica se não fórmulas? uma ordem para um caos. fusas e colcheias seguem a ordem matemática, mãos e cicatrizes não!

simetria é harmonia. cicatrizes são simétricas, logo são harmônicas. não! cicatrizes não são lógicas. são apenas cicatrizes. adornos de mãos liquêfeitas. contraponto de fumaça estagnada. sem verbo - sussurros compassados entre uma tragada e brasa fosforescente.

mira o quadro. arqueia a linha sombreada. hesita. isto não é um cachimbo. não. não é. espelho multifacetado - empoeirado. um graal profano ergue à boca. fotografia - ko-an na mente insone. a miopia não deixa ver que é sócrates fantasiado de magritte.  
...



**O MELHOR DO FUTEBOL,  
COM BOM HUMOR!**

[www.allejo.com.br](http://www.allejo.com.br)

*Toda Letra*  
CONSULTORIA EM LÍNGUA PORTUGUESA

Revisão de TCC's,  
Monografias,  
Dissertações  
e Teses

[www.todalettra.com.br](http://www.todalettra.com.br)  
@todalettra\_  
[facebook.com/todalettra](https://facebook.com/todalettra)  
[contato@todalettra.com.br](mailto:contato@todalettra.com.br)